

A UTILIZAÇÃO DO JORNAL EM SALA DE AULA

Ana Cristina Teodoro da SILVA*

RESUMO: O objetivo deste texto é favorecer o olhar subversivo para o jornal e estimular o uso da imprensa, em sala de aula, como fonte de pesquisa. Para isso, é questionada a confecção da grande imprensa em algumas partes fundamentais: o trabalho do jornalista, do editor, a diagramação, a distribuição e o que se considera notícia. Entende-se que o professor deve tratar o jornal como fonte para ser analisada, não incorporada. É necessário questioná-lo, saber como é feito. Desejam-se leitores que dialoguem com os textos de forma crítica, o que retiraria a estabilidade de um dos pilares da credibilidade da grande imprensa: a de parecer portadora da verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura de Jornal; Pesquisa em Sala de Aula; Crítica e Educação.

THE NEWSPAPER IN THE CLASSROOM

ABSTRACT: A subversive gaze on the newspaper and its deployment as a research source in the classroom are provided. The making of a streamline newspaper is put into question while pinpointing its basic sections, such as the journalist's contribution, the editor's role, design, distribution and the news proper. It has been understood that the teacher should use the newspaper as a non-incorporated source to be analyzed. The newspaper and the manufacturing modality should be discussed. Readers that would dialogue with the texts in a critical way are requested since this fact would destabilize one of the pillars of trustworthiness of streamline newspapers, or rather, the pretension that they are the bearers of the truth.

KEY-WORDS: Reading of Newspapers; Research in the Classroom; Criticism and Education.

A inspiração para esta escrita surgiu em sala de aula, no trabalho em cursos de especialização e em minicursos com professores da rede pública de algumas cidades do interior do Estado do Paraná. Os programas diziam respeito ora à metodologia da

pesquisa, ora à utilização de jornais em sala de aula. Em ambos os casos, saltou aos olhos o entendimento, por parte dos educadores que compunham o público dos cursos, que o texto escrito é uma verdade a ser repassada aos alunos. Jornais e revistas são encarados como material didático auxiliar, que pode ser explorado como retratos dos acontecimentos.

Com base nisso, o objetivo deste texto é favorecer um olhar subversivo para o jornal, expor alguns pontos entendidos como instrumentos para a reflexão crítica sobre a imprensa e estimular o uso dela em sala de aula como fonte de pesquisa, e não como âncora que sintetiza verdades – papel já exercido pelo próprio livro didático. É importante lembrar que o tema vem sendo discutido há longa data, por especialistas de diversas áreas e que têm importantes contribuições publicadas, instrumentos fundamentais para a crítica do “quarto poder” (Marcondes Filho, 1986; Lage, 1990; Silva, 1999 e 2003). Apesar de não se tratar de discussão original, considera-se importante insistir no debate, já que convivemos com a realidade exposta no parágrafo acima. Sobretudo, considera-se necessário o constante questionamento sobre o que confere sustentação aos poderes instituídos.

Parte-se da premissa de que o professor não ensina conteúdos pré-determinados; ele estimula a reflexão, coordena atividades trabalhando objetivos, busca gerar instrumentos para a autonomia do pensamento do aluno. Este, por sua vez, não é um depósito de dados, mas pesquisador; é um produtor de conhecimentos que deve criticar, problematizar. Sem dúvida, trata-se de um ideal, de parte de uma visão de mundo, porém o mundo é construído também a partir de sonhos, dos quais não temos por que abrir mão.

A capacidade de produção de conhecimento, mesmo na mais tenra idade, deve ser respeitada. O conhecimento é muito mais amplo que o campo da ciência: conhecimento incorpora saber filosófico e artístico, dentre muitos outros campos. E mesmo as lições básicas de cada disciplina (o “descobrimento” do Brasil ou os pontos cardeais, por exemplo) são lembradas e re-aprendidas por nós a cada instante, mas são ilhas desconhecidas para a criança em formação. Fazendo uso da metáfora de Saramago (1999), os homens do mar deveriam saber que as ilhas que nunca pisamos são sempre desconhecidas.

Nas chamadas ciências humanas, o conhecimento sistematizado é, boa parte das vezes, baseado na análise do que foi considerado pelo pesquisador como uma fonte; por exemplo: vestígios arqueológicos, a música e o cinema, textos escritos (como o jornal, a literatura ou cartas pessoais); enfim, tudo o que for focado como

* Departamento de Fundamentos da Educação – Universidade Estadual de Maringá – UEM – 87020-900 – Maringá – Estado do Paraná – Brasil.

vestígios de vida. Na análise, ocorre o diálogo entre a subjetividade, as hipóteses do pesquisador e as representações da realidade, que são as fontes. Não se trabalha diretamente com os fatos e sim com recortes, pontos de vista, entendimentos.

Compreender que as fontes do conhecimento sistematizado e sua análise têm as limitações do olhar humano poderia dar a impressão de fragilidade ao empreendimento. Porém, o desencanto só ocorrerá a quem tiver a expectativa de um saber inquestionável e eterno. A reflexão sobre como é feito o conhecimento, em uma outra perspectiva, pode mostrar a riqueza dele, pois demonstra resultados que sofrem a interferência da subjetividade, passíveis de erro, de crítica; resultados históricos e, enfim, humanos.

A proposta, que não é nova, porém ainda não assimilada nas escolas, é a de se tratar os textos como fontes de pesquisa. Os materiais que utilizamos como professores foram produzidos por alguém, com determinados objetivos, utilizando outras fontes, que foram analisadas e sofreram influências de leituras e escritas. Encarando assim, não se pode trabalhar livros didáticos ou jornais como detentores da verdade. Os jornais não têm como conter tudo, nem mesmo o principal. São sínteses, deixam sistematicamente notícias de fora, de acordo com seus interesses. Deveríamos sempre nos lembrar dos silêncios: a notícia não publicada é menos importante? Quais os critérios da exclusão?

O jornal é fonte para ser analisada, não incorporada. É necessário questioná-lo, saber como é feito. Sua confecção situa-o como instrumento social e histórico. É fonte privilegiada da pesquisa histórica, representativo da história da escrita e da história da técnica. O jornal mudou, na medida em que também mudaram os estilos e os objetivos da escrita e as leis do mercado, na medida em que novos saberes sobre diagramação e edição foram desenvolvidos e na medida em que técnicas diferentes foram assimiladas por editoras, possibilitando impressão e distribuição em ritmos outros, publicação de imagens e mais além. O jornal mudou conforme se alteraram as teias sociais em que está envolvido, tornando-se um instrumento situado no tempo (SILVA, 1999).

Uma das formas de tornar claros os caminhos da confecção do jornal é questionar por quem é feito. No caso da grande imprensa, o empreendimento envolve jornalistas, editores, grupos de poder político e financeiro, publicitários, distribuidores, público leitor e muitos outros.

Jornalistas e repórteres, via de regra, fazem trabalho de pesquisa e boa parte do trabalho da escrita, atividade na qual se

tornam necessários recortes da realidade, subordinados à visão de mundo do profissional e especialmente às ordens do editor. Os editores determinam o que será pauta, optam pelo que será publicado, o que será coberto por jornalistas e decidem que espaço a matéria terá, ou não terá. Fazem opções sobre o que será publicado e de que forma essas matérias estão umbilicalmente vinculadas a grupos que o jornal representa. Seus editores-chefes apóiam o governo? Criticam-no? Têm postura independente? Mostram reflexão sobre tais questões?

Publicitários fazem a ponte com os anunciantes, que são os sustentadores financeiros dos grandes jornais. Não é o dinheiro da venda de exemplares nas bancas e das assinaturas a maior verba pretendida, e sim os anúncios publicitários. Revistas como *Veja* usualmente têm em espaços privilegiados (contracapa e páginas centrais, por exemplo) alguns anúncios. A alocação desse anúncio, é claro, dependerá do poder de compra do anunciante. É interessante reparar ao lado de que matérias saem determinados anúncios, bem como que anunciantes estão presentes em determinados jornais e revistas. Teremos aí indícios seguros da expectativa de público que o meio possui.

A distribuição do jornal de circulação nacional traz outros importantes fatores para a análise do processo que envolve esse meio. Imaginem-se as diferenças de trabalho envolvidas na circulação de um jornal de público dirigido, de um jornal regional e de um jornal de alcance nacional. Cabe refletir como um jornal impresso em São Paulo está nas bancas de Porto Alegre ou Recife, nas primeiras horas da manhã. E, estando o centro nervoso do jornal em São Paulo, como incorpora ele as notícias de todo o Brasil? O que determina, o que é importante nacionalmente em jornais que pretendem dar conta de todo o território?

Não é qualquer jornal que é lido por qualquer pessoa, via de regra. Os jornais são segmentados de acordo com classificações, feitas a partir de grupos em que é subdividido o público leitor, sendo que o critério para a subdivisão é o potencial de consumo. Os jornais fazem uso de pesquisas feitas por institutos especializados, como o Ibope e o Instituto Marplan, para determinar sua porção de público. E procuram adequar suas mensagens a essa porção. Tais pesquisas são apresentadas aos anunciantes, que vão fazer seu reclame para o segmento que tiver o perfil e o poder aquisitivo adequado a seu produto.

Jornais destinados às chamadas “classes A e B”, como *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, teriam segmentos de público com maior poder aquisitivo, que possuiriam carro novo, viajariam, utilizariam cartões de crédito, possuiriam vários eletrodomésticos de

última geração. Já o reconhecido *Notícias Populares* – que foi editado pela mesma empresa que a *Folha de S.Paulo* – era dedicado às chamadas “classes C e D”, operárias, com menor poder aquisitivo, que comprariam aparelhos mais baratos e se preocupariam com outras questões. De que jornal se fala em sala de aula? Questionam-se se as diferenças quanto aos pretensos públicos interferem em suas produções e o que tais diferenças trazem de implicações para a análise? Questiona-se o alcance das notícias, quem as lê e de que forma?

Produzir um jornal envolve, como já foi dito, um trabalho técnico, máquinas rotativas, tipos de letra e papel e a malha de transporte necessária ao jornal diário. Tais questões oferecem um quadro que, ao ser exposto, representa o mundo do trabalho e suas interconexões. A revista *Veja* é editada desde 1968. Deixou de circular apenas em duas edições: uma por conta da censura militar e outra por conta de uma greve no parque gráfico. Utilizar os meios de comunicação como fontes de pesquisa e reflexão requer problematizar esta e outras malhas, bem como lembrar algumas características da comunicação: quem fala, com que tipo de linguagem; quem recebe, com que interpretação.

Não se considera que tais questionamentos devam ser respondidos de forma absoluta, e que já venham resolvidos. Apenas eles não podem ser desconsiderados, sob pena de se simplificar em demasia a leitura desse instrumento, produzido com interesses políticos, sociais e de mercado. Não se querem alunos que reproduzam lições, tampouco as lições da imprensa; desejam-se alunos que tenham estímulo para lerem o jornal em diálogo, não em postura de receptores passivos.

No que se refere à técnica, aos interesses políticos e às questões que podem ser feitas a qualquer processo comunicativo, cabe questionar o que é notícia. Notícia não é o que aconteceu de mais importante, e sim o que determinado grupo entendeu como tal e consentiu em ser tornado público através da imprensa, dentro de um espaço determinado, de uma forma determinada e para um público determinado. A importância dos recortes e dos silêncios da edição faz conjunto com os saberes de diagramação utilizados pelo jornal. Por que uma notícia é escolhida para a primeira página ou para a capa, com direito à fotografia? As que estão no cantinho inferior da página cinco são necessariamente menos importantes? Tais questionamentos são fundamentais.

Quais são as fontes dos meios de comunicação? Quem se preocupa em ler uma matéria de revista, identificando suas fontes de informação? Deve-se questionar se essas fontes são relevantes, até que ponto são parciais e como foram tratadas. A imparcialidade é inviável,

porém sua improbabilidade não isenta o meio de comunicação de deixar bem claro que perspectiva está adotando.

No Manual de Redação da *Folha de S.Paulo*, fonte importante para quem quer entender o funcionamento de um jornal, há uma epígrafe significativa de Karl Kraus: “a imprensa espalha espírito e ao mesmo tempo destrói a capacidade de entendê-lo” (1994, p.2). Seria desejável que a imprensa tivesse como hábito refletir sobre seu próprio fazer (como devem fazer os cientistas, através da discussão metodológica e epistemológica). Na medida em que a própria imprensa não esclarece os limites das reflexões que sugere, deixa de se colocar como produção humana e passa a parecer portadora da verdade, status que funciona como um dos pilares de sua credibilidade. Cabe questionar, também, por que damos tanta credibilidade a afirmações conclusivas e menosprezamos a pergunta, a dúvida, o reconhecidamente parcial e incompleto.

Portanto, propõe-se que trabalheemos, em sala de aula, o processo de feitura dos materiais, em vez de utilizá-los como reflexos puros de fatos originários. Testemunhei professores orientando alunos com dificuldade em pensar títulos para redações: a “dica” era usar os títulos dos jornais como exemplos. Não se discute a qualidade dos textos dos jornalistas, mas sim se estes são exemplos para jovens em formação, se são textos com objetivos semelhantes. Testemunhei professores orgulhosos em mostrar que o jornal pode contradizer o livro didático (parece que a verdade do jornal anda mais bem cotada...). Curiosamente, é comum que as reportagens tenham como fontes pesquisas científicas, equivalentes às que fundamentam os livros didáticos. Caberia discutir o porquê da discrepância, e não se conformar com a credibilidade do jornal. Seria bastante rico explorar a possibilidade de tratar um mesmo fato de diferentes maneiras, trabalho para o qual, aliás, a contraposição de matérias com o mesmo tema em diferentes jornais é bastante adequada.

Em síntese, defende-se a utilização do jornal em sala de aula como fonte de pesquisa, como construção histórica e social, refletindo-se sobre quem é envolvido em sua confecção, o que envolve e como ocorre a construção da notícia; quem é o público, a quem o jornal representa, que tipo de informação veicula. Deve-se discutir quem sustenta o jornal e o que isso significa. Deve-se discutir se temos sido leitores de jornal ou consumidores de “notícias”, e também o que está presente nas pautas e o que está ausente; como se estabelece a hierarquia das notícias nas páginas do jornal, como são tratadas as fotografias, o que significam as matérias no contexto do país e da região, em relação ao espaço disponível para impressão. Quem sabe se

possa partir de um tema, cotejando-o em diferentes meios, analisando os desdobramentos de sua cobertura e não se esquecendo de analisar o momento em que tal tema foi silenciado (e, aqui, não há como deixar de se lembrar da invasão norte-americana ao Iraque – que nos fez esquecer do bombardeio ao Afeganistão...), levando-se em conta os outros elementos tratados neste texto. Com isso, mais que “ensinar um conteúdo”, talvez estejamos trabalhando os instrumentos que possibilitam a abordagem crítica dos textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1990.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1986.
- NOVO manual de redação*. 3.ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1994.
- SARAMAGO, José. *Conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SILVA, Ana Cristina Teodoro da. *Juventude de papel: representação juvenil na imprensa*. Maringá: EDUEM, 1999.
- _____. *O tempo e as imagens de mídia: capas de revistas como signos de um olhar contemporâneo*. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Assis.